

# O beco como atelier: via de mão única

The alley as a studio: one-way street

El callejón como taller: calle de sentido  
único

**Vanessa Seves Deister de Sousa (UEM - Brasil)**<sup>1</sup>

**Camila Lacerda Lopes (UEM - Brasil)**<sup>2</sup>

1 Doutora e Mestra em Artes Visuais pelo IA-UNICAMP e Licenciada em Educação Artística pela UEL. Artista-professora e coordenadora do Memento Mori: Núcleo de pesquisa em História da Arte na UEM. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/0379904755178564>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2131-8961>, E-mail: [vsdsousa@uem.br](mailto:vsdsousa@uem.br).

2 Mestra em Dimensões teóricas e práticas da produção artística e graduada em Artes plásticas pela UEMG. Especialista em Jornalismo cinematográfico pela UNA e Artista-professora na UEM. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/9292256106757290>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0831-6312>. E-mail: [lacerdacamila6@gmail.com](mailto:lacerdacamila6@gmail.com).

## RESUMO

Este ensaio visual apresenta, de forma poética, uma série de pinturas e registros processuais produzidos pela artista mineira Camila Lacerda (entre os anos de 2014 e 2025) que possuem o beco enquanto temática principal. Nas próximas páginas, o beco será analisado sob diferentes perspectivas: como espaço transitório, como lugar habitável e como atelier expandido. O presente trabalho foi dividido em duas partes. Na primeira, a artista e pesquisadora Vanessa Deister assina um breve ensaio crítico sobre o tema. Na segunda parte, Lacerda constrói uma narrativa visual misturando trabalhos inéditos, com reproduções de pinturas já conhecidas pelo público e registros fotográficos de encontros e situações poéticas obtidas durante o processo criativo dessas obras. Ressalta-se que a concepção deste ensaio visual é fruto de trocas de experiências artístico-colaborativas no contexto da ensino-aprendizagem universitária, uma vez que as autoras são docentes no mesmo curso de graduação em artes visuais, na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

## PALAVRAS-CHAVE

Pintura Contemporânea; Ensaio Visual; Processos Criativos.

## ABSTRACT

This visual essay presents, in a poetic way, a series of paintings and procedural registers made by the Brazilian state of Minas Gerais artist Camila Lacerda (between the years of 2014 and 2025) that has the alley as its main theme. On the next pages, the alley will be analyzed from different perspectives: as a transitory space, as a habitable space and as an expanded studio. This work was divided into two parts. In the first part, the artist and researcher Vanessa Deister provides a brief critical essay on the topic. In the second part, Lacerda builds a visual narrative blending unpublished works, with reproductions of paintings already known to the audience and photographic records of encounters and poetic situations obtained during the creative process of these works. It is emphasized that the conception of this visual essay results from exchanges of artistic-collaborative experiences in the context of college teaching and learning, as the authors are professors in the same undergraduate program in visual arts, at the Universidade Estadual de Maringá (UEM).

## KEY-WORDS

Contemporary Painting; Visual Essay; Creative Processes.

**RESUMEN**

Este ensayo visual presenta, de forma poética, una serie de pinturas y registros procedimentales pela artista de el estado brasileño de Minas Gerais Camila Lacerda (entre los años de 2014 y 2025) que poseen el callejón como temática principal. En las próximas páginas, el callejón será analizado en diferentes perspectivas: como espacio transitorio, como lugar habitable y como taller expandido. El presente trabajo fue dividido en dos partes: en la primera, la artista e investigadora Vanessa Deister firma un breve ensayo crítico sobre el tema. En la segunda parte, Lacerda desarrolla una narrativa visual misturando trabajos inéditos, con reproducciones de pinturas ya conocidas por el público y registros fotográficos de encuentros y situaciones poéticas obtenidas durante el proceso creativo de estas obras. Resalta-se que la concepción de este ensayo visual es fruto de intercambios de experiencias artístico-colaborativas en el contexto de la enseñanza-aprendizaje universitaria, puesto que son docentes de lo mismo curso de graduación en artes visuales, en la Universidade Estadual de Maringá (UEM).

**PALABRAS-CLAVE**

Pintura Contemporánea; Ensayo Visual; Procesos Creativos.

O que é um beco? Partindo de qualquer definição clássica presente em dicionários da língua portuguesa, um “beco” é uma rua, geralmente estreita, que pode ou não ter uma “saída”. Etimologicamente proveniente do latim, um beco é uma via, uma ruela, uma estradinha. Aparentemente, os “becos” são passagens que podem servir como atalhos às vias principais do desenho urbano. Um beco não é uma rua, nem uma avenida qualquer. A língua portuguesa permite utilizarmos essa específica palavra para nomearmos esses desvios ou rotas de fuga que organicamente vão surgindo nos meandros das cidades.

Por outro lado, os becos também podem ser destinos. Quando o beco não tem “saída”, ele aparentemente se torna o lugar no qual o percurso acaba. Metaforicamente, o “beco sem saída” deixa de ser um hiato urbanístico e transforma-se em ponto final, ao menos a partir da perspectiva do transeunte que ali permitir-se habitar. Ou seja: diferentemente do que cabe na lógica da palavra, o beco não é apenas caminho, via, passagem, movimento... O beco também abrange toda uma semântica relacionada com a permanência, com a presença, com a estaticidade.

Dentro de um beco caberiam muitos lugares, ou um beco seria apenas mais um espaço? Através desta pista compartilhada por Katia Canton, podemos concluir com certa tranquilidade que o beco é espaço, mas também é lugar:

Os termos *espaço* e *lugar* têm o mesmo significado? Na verdade, cada um deles designa uma relação singular com as circunstâncias e com os objetos, segundo o pensamento de Anthony Giddens. Para esse sociólogo britânico, a palavra *espaço* é utilizada genericamente, enquanto *lugar* se refere a uma noção específica do espaço: trata-se de um espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas raízes e nossas referências no mundo (Canton, 2009, p.15).

Aparentemente, para os becos as distinções de Giddens não possuem uma aplicabilidade tão fixa. Dependendo do beco, estamos falando sobre um espaço (simultâneo) de passagem rápida ou uma fresta de trânsito indefinido. Contudo, dependendo do beco, já estamos nos referindo a um lugar densamente ocupado, ricamente habitado e ou até privado, com acesso limitado.

Os becos são entropia. São lugares de segredo, de escuridão e mistério, lugares nos quais entramos e saímos pela mesma abertura... Mas também são espaços de brecha, de abertura do olhar, de profundidade de campo... Pois, se o beco é sinônimo de uma única passagem bem estreita, talvez ele pudesse se opor ao que percebemos como “encruzilhada” (geralmente associada ao entroncamento de caminhos diversos).

Ainda segundo Canton (2009, p.27) a encruzilhada é “um símbolo recorrente da história da humanidade”; “um local de aparições, revelações, de passagem de um mundo a outro, de encontro com o destino”. Mas e os becos? Se um beco faz parte de uma encruzilhada, ele seria uma armadilha? Armadilha no sentido de “não saída” ou de “saída estreita” de um entroncamento? Ou assumiria o papel de espaço para residir?

A artista Camila Lacerda (1987) talvez tenha encontrado uma forma de desfazer

essa armadilha, transformando o beco em atelier. Ao longo de mais de uma década, Lacerda tem colecionado fotografias e criado pinturas de becos encontrados em suas andanças pelo Brasil, pela Europa e pela sua própria cabeça. Uma vez que alguns becos também são fruto de paisagens imaginárias traçadas pelo inconsciente e transmutadas em imagens pelas mãos da artista.

Paulo Caetano (2021, p.83) afirma que os becos de Camila “trazem, com habilidade, a ambivalência desse espaço que comporta o espremido e a profundidade” onde Lacerda “faz do beco estrada”. Em conformidade, segundo a própria artista, ao unirmos um beco a outro, de fato poderíamos percorrer muitos quilômetros pictóricos, nessas veredas imaginárias.

Sempre provisório, o atelier de Lacerda é o beco onde a andança da artista permitir habitar: a universidade, a casa dos amigos, a residência artística, a sua própria casa, o hotel ou a estrada... Pois a lógica da caminhada enquanto processo poético expande constantemente o atelier para a rua, local onde ela novamente percorre por outros becos, para sonhar com eles e dentro deles continuar caminhando...

Baudelaire diria que encontraríamos os verdadeiros heróis urbanos percorrendo por esses becos. Deles sairiam os “solitários e de imaginação ativa” flanando pela cidade em busca de “tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório”. A modernidade só poderia existir no beco, na fresta, no fugidio e na contingência da boemia (Baudelaire, 2006, p.859).

Contudo, uma *dândi* mulher-artista contemporânea não caberia nessa concepção modernista de *flâneur* baudelaireano. Sendo assim, talvez aqui a concepção de *Delirium Ambulatorium* do artista brasileiro Hélio Oiticica (1978) fosse mais adequada para refletirmos sobre esse beco/estrada/atelier concebido por Camila Lacerda. Pois a artista deambula pelas cidades, despida de intelectualismos e aberta para uma descoberta em devaneio. É desse estado estético que surgem os becos: reais e imaginários, onde o “museu é o mundo” que só pode ser desvelado a pé e pintado à mão livre.

Por fim, em suas deambulações, Camila encontrou um conterrâneo: o artista Paulo Nazareth (1977). O encontro não ocorreu em um beco qualquer, mas sim no recém batizado “Beco dos Botocudos”: na favela do Palmital, especificamente na “tampa do caldeirão” - cidade de Santa Luzia, Estado de Minas Gerais. Lugar onde Nazareth nomeia espaços afetivos e/ou laborais, tais como “Casa da Mãe”, “Casa Borun/Povo de Luzia” e “Casa do Artesão”; com a intenção artística de ressignificar as nomenclaturas dos espaços da comunidade na qual ele cresceu. Neste beco, a aprendizagem da caminhada encontrou com a estética da estrada, florescendo novos devires...

E percorrendo pelos becos de Camila, podemos misturar os resquícios do *flanêur* de Baudelaire, com os vestígios do *Delirium Ambulatorium* de Oiticica, nas densas pegadas deixadas pelos pés descalços de Paulo Nazareth. Unindo um beco a outro, a artista criou uma longa rodovia ou correnteza afetiva inesperada entre a esfera pública e a privada, o consciente e o inconsciente, o atelier e a rua... De mãos dadas com Camila podemos nos perder em uma ‘via de mão única’ em Santa Tereza e nos reencontrar em Bruxelas, sem sair do clima veranil das Minas Gerais.



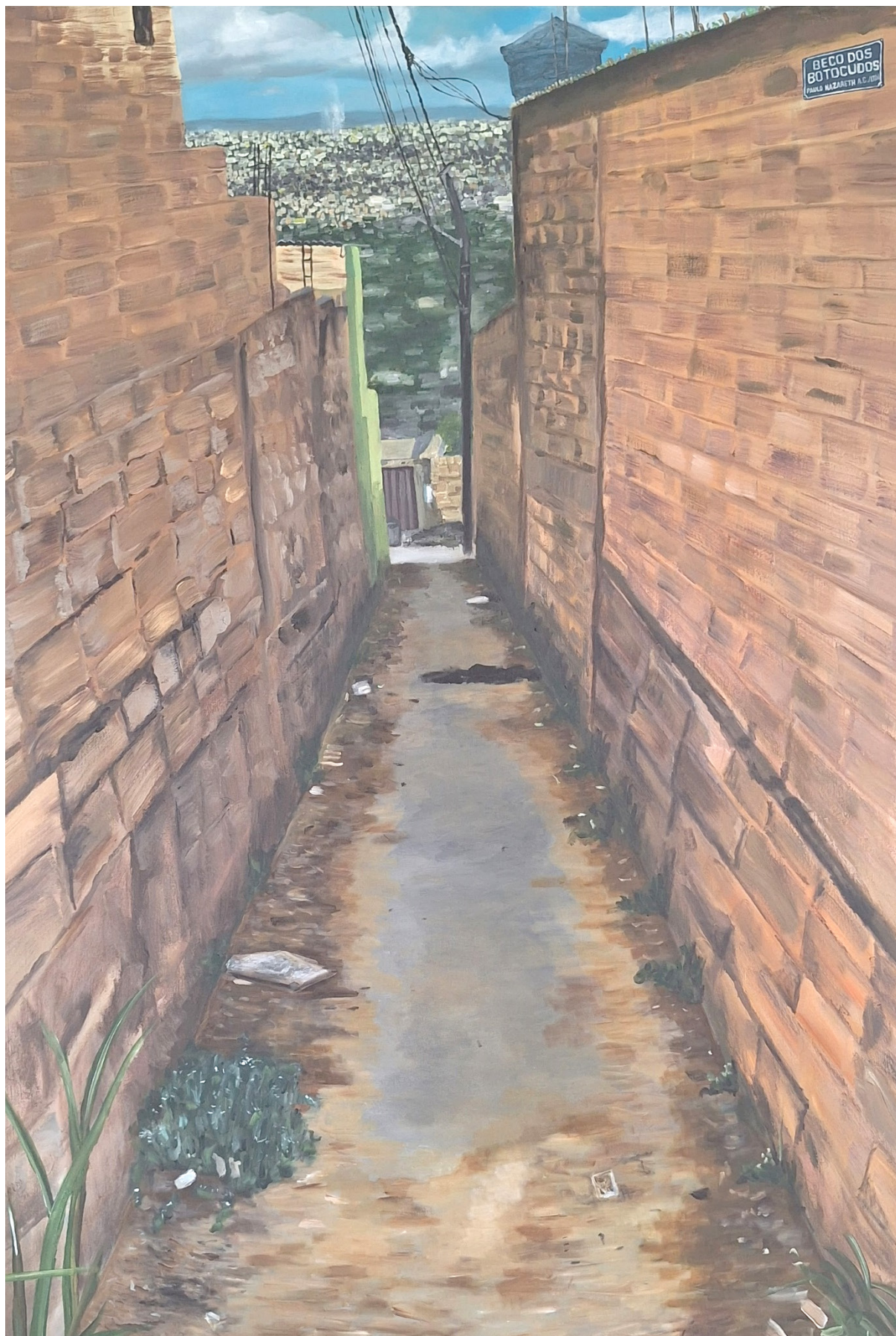


A



B





C





D



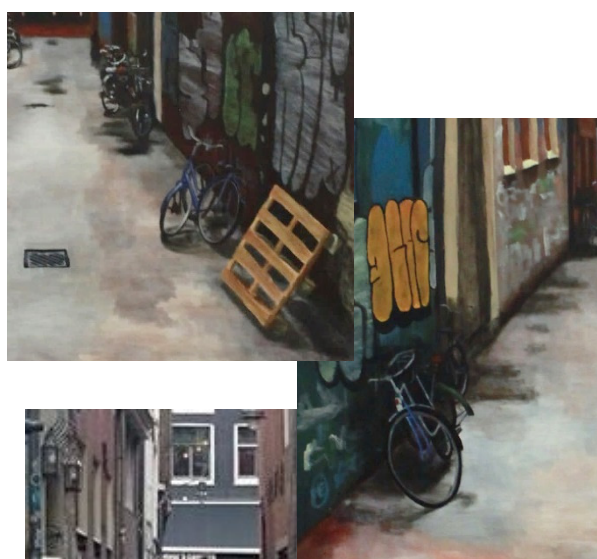


E



F





F







G







H



## MAPEAMENTO DAS IMAGENS:

- A.** "Beco das Galinhas" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2024 - Registro fotográfico de Camila Lacerda.
- B.** "Beco de Bom Despacho" – mural de látex s/ parede; 5m x 8m, 2015 – SESC Bom Despacho, Minas Gerais, Brasil - Registro fotográfico de Camila Lacerda.
- C.** "Beco dos Botocudos" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2025 - Registro fotográfico de Camila Lacerda.
- D.** (de cima para baixo) - "Paulo Nazareth no Beco dos Botocudos"; "Placa Beco dos Botocudos" e "Pés do Paulo Nazareth no Beco dos Botocudos", 2025 – Fotografia digital de Camila Lacerda.
- E.** (da esquerda para a direita) - "Beco de Santa Tereza" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2014 – acervo de Vicente Camiloti. "Beco de Santa Tereza" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2014 – acervo de Alexandre Romanini. "Beco de Santa Tereza" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2017 e "Beco de Santa Tereza" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2014 – acervo de Altivo Duarte - Registros fotográficos de Camila Lacerda.
- F.** (da esquerda para a direita) - "Beco de Amsterdam" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2015 - 2016 – acervo de Flávio Reis Pinho - Registro fotográfico de Camila Lacerda; "Camila Lacerda no Beco de Amsterdam" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2015 - Registro fotográfico de Cândida Regina;
- G.** (da esquerda para a direita) - "Beco de Santa Tereza" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2014; "Beco de Santa Tereza" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2019; "Beco de Bruxelas" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2016 e "Beco de Santa Tereza" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2014 – acervo de Rodrigo Mitre - Registros fotográficos de Camila Lacerda.
- H.** "Beco Cyberpunk" - acrílica s/ tela; 1,50m x 1,00m, 2022 – acervo de Antônio Fabrício de Matos Gonçalves - Registro fotográfico de Camila Lacerda.

## Referências

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: Baudelaire, Charles. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006. p.851-881.

CAETANO, Paulo. Abertura para o mundo. In: Dushá, Germano. Mitre, Rodrigo (Orgs). **Periscópio**: 5 anos. Galeria Periscópio: Belo Horizonte, 2021. P.80-83.

CANTON, Kátia. **Espaço e lugar**. Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

OITICICA, Hélio. Mitos Vadios. In: DIÁRIO DE SÃO PAULO: **Complemento**: Mitos Vadios/ Ivald Granato. São Paulo: 05 nov 1978. Documento 0943/78, Acervo Projeto Helio Oiticica.

**Submissão:** 01/08/2024

**Aprovação:** 12/08/2025